

A LINGUAGEM CORPORAL E AS PARÁBOLAS: Uma análise a partir de Mc 4,1-9

José Carlos Leandro

Introdução

O presente artigo apresenta reflexões sobre a relação existente entre parábolas e corporeidade. Nas parábolas de Jesus é resgatada a tradição bíblica. O ato de “ouvir” possui um sentido histórico que desinstala o ouvinte e o insere na caminhada do povo de Israel (cf. Dt 6,4-9). Ouvir falar de Jesus provoca nas pessoas um posicionamento diante das estruturas que controlam os corpos das pessoas.

A proposta do Reino de Deus é apresentada como uma mudança – conversão – de comportamentos face à exploração que o povo é submetido. As parábolas inserem-se neste movimento libertador, porque anunciam o Reino a partir do cotidiano das pessoas numa perspectiva reveladora da ação de Deus.

As relações libertadoras da ação de Jesus são, nos textos das parábolas, exemplificadas a partir de aspectos do cotidiano das pessoas. Quem está “fora” fica alheio à proposta libertadora do Reino (cf. Mc 3,32; 4,1-41). A parábola do semeador (melhor seria chamá-la de parábola dos terrenos!) possibilitará perceber a dinamicidade do anúncio do Reino de Deus (cf. Mc 4,1-9). Ela possui uma centralidade para compreender-se as demais (cf. Mc 4,13). A prática da palavra (ouvir) é cumprida pelas mãos do semeador. O corpo dos trabalhadores e trabalhadoras da Galiléia possui uma linguagem universal. Ele diz o que há de mais profundo e místico da pessoa em sua conexão consigo, com os outros e com o mundo. O caráter impessoal do semeador é indicativo desse movimento universal. Existe uma intencionalidade de sua ação. É sinal vivificante da fé: apesar de todos os obstáculos – de seu corpo sofrido, das dificuldades dos terrenos, dos elementos da natureza – a colheita será abundante!

1. Parábolas e movimento dos corpos

As parábolas são textos que emergem da realidade e do cotidiano das pessoas. Falamos de corpos e movimentos. Possuem uma temática relacionada com o cotidiano expresso através de instrumentos de comparação. Aliás, a própria metáfora é compreendida como um movimento de sentidos. As imagens e figuras são expressões dos corpos dos trabalhadores e das trabalhadoras em ação.

Em cada parábola, os elementos de convivência servem como estrutura para transmitir sua mensagem: terra, adversidades do trabalhador, situação da Galiléia, entre tantos aspectos. A vida dos indivíduos está imbricada pelas relações sociais em

suas diversas manifestações. O corpo é, dessa forma, um dos símbolos privilegiados para discursar sobre a sociedade em suas múltiplas análises.

A linguagem antropológica do corpo é universal. Nos relatos das parábolas, os corpos estão sempre em movimentos, revelando as diversas malhas de relações de força (patrão, empregados, semeadores). O mundo simbólico é o lugar privilegiado da linguagem. Expressa-se através do mundo externo e do interno. Serão através dos sentidos dos corpos que os indivíduos nomearão a realidade e, em consequência, pronunciarão o mundo em que vivem.

2. Parábolas e alegorias

Procurando revelar a compreensão real de um texto, a partir de sua narrativa, as parábolas são organizadas pedagogicamente. O leitor é interpelado a compreender a realidade problematizada. O presente das pessoas, em suas ações cotidianas, em seus movimentos corporais, reveladores de relações de poder, servem como princípios hermenêuticos fundamentais nas parábolas de Jesus.

Fazem parte da compreensão das narrativas parabólicas, as formas de relações estruturais e pessoais entre as personagens.

O ambiente da sabedoria israelita é o chão de onde nasceram as parábolas de Jesus. O “mashal”, ou “maxal”, é um estilo popular dos pobres expressarem sua visão das pessoas, da sociedade, do mundo, de Deus, através de formas diversas: comparação, zombaria, dito proverbial. O cotidiano, os corpos relacionados e em relação constante, é que preenchem a ossatura das parábolas. A presença do Deus Libertador ocorre justamente nesta ambientação dos indivíduos. É interessante notar que as parábolas não utilizam os cenários palacianos, citadinos, em suas narrativas.

Na caracterização das parábolas estão presentes importantes elementos constitutivos para a sua compreensão:

a) elas são realistas: o cotidiano das pessoas em suas relações mais imediatas, em seus corpos em movimento, é que fornecem as imagens dos textos.

b) a linguagem presente nas narrativas das parábolas vai além do texto. Remete o leitor para perspectivas desconhecidas. Provocam a realidade para, em seguida, descobrir novas formas de relações (cf. Lc 16,1-8, Mt 20,1-15). Esse aspecto a distingue do provérbio e outros gêneros sapienciais menores. O provérbio fala da convivência entre as pessoas. A parábola é narrativa, pois, o fato da vida apresentado está em constante movimento. Os corpos dos atores possibilitam uma análise da narrativa como um movimento de sentido.

c) nas narrações das parábolas, o contexto real é essencial para a compreensão de sua mensagem. Os personagens estão historicamente situados. Neste aspecto, os indivíduos estão com seus corpos em consonância com o dinamismo social em suas

diversas manifestações. A parábola se distingue da fábula ao retratar em sua narrativa uma situação cotidiana, concreta, da vida dos personagens.

d) a textualização das parábolas é um processo singular e autônomo. A trama dos textos está referenciada numa realidade concreta dos corpos sofridos de marginalizados em busca da Justiça Social: quando encontram, descobrem o que representa o Reino de Deus para eles.

e) corpos em ação. Nas parábolas, os personagens estão em constantes movimentos: semeador, a mulher à procura da moeda, pastor cuidando de seu rebanho.... Todavia, a sua estrutura aponta para novas formas de relações dentro dessas realidades.

f) a vida camponesa é o chão onde brotam as narrativas. Os corpos dos trabalhadores denunciam, em suas atividades, a exploração sofrida. Mas, apesar de tudo, anunciam vida nova! A realidade presente na parábola é interpretada a partir de si mesma, sem precisar recorrer a outros textos ou fatos externos à sua narrativa. Todavia, ela faz alusão a diversos aspectos da vida dos camponeses e trabalhadores (político, econômico, social, ideológico). A alegoria necessita de um texto prévio que fundamente seu sentido.

g) suscitam o discernimento. As comparações propostas pelas parábolas a partir do cotidiano das pessoas dispensam as figuras dos fariseus e escribas como intérpretes. As parábolas não se propõem criar novas leis e normas. Elas despertam os ouvintes para a “surpresa” e a “novidade” do conteúdo libertador. Comunicam a liberdade em toda a sua plenitude. Inclusive, na interpretação. O desfecho da parábola possibilita ao leitor um movimento desestabilizador de sentidos diante dos fatos comuns do cotidiano. Neste aspecto habita a dimensão enigmática da narrativa parabólica (cf. Lc 10,30-35; Sl 78,1-2).

Já as *alegorias* possuem uma estruturação literária um pouco diferente das parábolas. As comparações são continuadas. As imagens são interdependentes. Essa condição possibilita uma ampliação das significações e sentidos presentes na alegoria. O arcabouço da alegoria é textual, ao mesmo tempo em que comparam realidades correspondentes.

Um dos recursos literários utilizados com frequência nas narrativas alegóricas é o paralelismo discursivo. As imagens, comparações, símbolos remetem o leitor para realidades diversas apresentadas no texto. Os sentidos dos textos alegóricos são provenientes de situações fora deles (veja Mt 13,47-50; Gl 4,21-31, e compare com a temática de Gn 16; 21).

O caráter da alegoria está imbricado na cultura popular. Sua reflexão apresenta-se como um fator continuado na interpretação do cotidiano. Existe um movimento, corporal e interpretativo, nas narrativas das alegorias. Os símbolos são relacionados com as identidades e com a vivência social das pessoas. As alegorias procuram, através da prática de Jesus, possibilitar uma compreensão real de seu projeto. Toda prática é uma ação corporal com as pessoas e com o meio.

O gênero alegórico diferencia-se do parabólico pela multiplicidade de elementos comparativos. Enquanto a parábola apresenta uma comparação, refletindo uma única idéia; a alegoria metaforiza os elementos de uma forma continuada. A perícopé proposta para a reflexão (cf. Mc 4,1-20) busca evidenciar essas duas modalidades (cf. Mc 4,1-9: parábola; e Mc 4,13-20: alegoria).

Como se observa, o significado presente na alegoria está fora do objeto; necessita, dessa forma, de uma contextualização correta (cf. Is 5,1-7; Gn 41). Quando Paulo interpreta alegoricamente o texto de Gn 16 e 21, atribui a Ismael a característica da escravidão (judeus/antiga aliança), e Isaac é símbolo da liberdade (cristãos/nova aliança). “Esquece-se” da ação libertadora de Javé ao se posicionar ao lado do pequeno Ismael quando “ouviu” seu choro (cf. Gl 4,21-30). Neste aspecto, a interpretação alegórica, é limitada, pois, o sentido do texto é aprisionado nas unidades isoladas dos símbolos.

3. A parábola do semeador e os terrenos: “o chão dá se a gente plantar!”

A parábola do semeador está presente nos três evangelhos e, também, no evangelho apócrifo de Tomé (cf. Mc 4,1-9; Mt 13,1-9; Lc 8,4-8; evangelho de Tomé 9). O texto marcano apresenta-se, a nosso ver, como uma tradição mais primitiva, ou seja, mais próxima do texto original.

O texto de Mc 4,3-8, provavelmente, é caracterizado como a parte mais primitiva da parábola. Existe um intervalo (cf. Mc 4,10-12), que explica a função das parábolas, e a alegoria presente em Mc 4,13-20, que aplica a mensagem à vida da comunidade. No evangelho de Tomé a alegoria não faz parte de sua estrutura. A linguagem do trabalho do camponês, semeando o difícil solo da Galiléia, representa o chão hermenêutico do texto. O trabalho do semeador já caracteriza as relações de poder pelas quais passa o corpo sofrido dos marginalizados.

O nosso texto está inserido no segundo bloco do evangelho de Marcos (cf. Mc 3,13–6,13). Já na fase final do primeiro bloco (cf. Mc 1,1–3,12), a narrativa começa a evidenciar que a mensagem e a proposta do Reino não representam uma unanimidade entre as pessoas. O conflito ideológico vai desde os familiares de Jesus até às autoridades; e, também, o fermento atinge aos discípulos (cf. Mc 8,15). As parábolas estão situadas no conflito existente na descoberta dos sinais da presença do Reino no cotidiano das relações das pessoas. Exige um discernimento diante da proposta de Jesus, um posicionamento, uma postura social (cf. Mc 2,1-12; 3,23-29; 6,52; 7,14; 12,30-33; Ez 33,32-33).

4. O método de Jesus nas parábolas

As parábolas não são enunciados metafísicos, alheios aos problemas da vida. Marcos, com as narrativas das parábolas, irá possibilitar a compreensão da prática de

Jesus como anúncio da chegada do Reino. Elas expressam as coisas e acontecimentos do cotidiano, revelando o enigma da pessoa de Jesus, o Filho de Deus, a partir de elementos concretos: semente, lâmpada, grão de mostarda, sal, etc. O desafio consiste em desvelar a presença de Deus na conjuntura concreta dos textos.

Jesus opta por ensinar através das parábolas. Os exemplos permitem-nos perceber que na impessoalidade das personagens está a motivação de estender as mensagens a todas as pessoas: pescador de homens (cf. Mc 1,17); o médico (cf. Mc 2,17); o noivo, o remendo e o vinho novo (cf. Mc 2,19-22); o reino e a família divididos (cf. 3,24-25) e a casa do homem forte (cf. 3, 27).

O texto de Mc 4,3-8, provavelmente, representa o núcleo narrativo da perícopie analisada. Os v. 3 e 9 correspondem a uma inclusão, intercalada pela prática da escuta. Todo o ano o agricultor confia na força dinâmica da semente, na generosidade da natureza. É como esperar confiante na Graça! A parábola mobiliza os corpos dos ouvintes: parte da escuta até o ato de semear (mãos). Criatividade e participação estão inseridas no processo. Um aspecto singular a ser considerado na narrativa é que o elemento variável é o terreno. Semeador e sementes permanecem os mesmos.

5. O mistério está presente no cotidiano do povo

Como plantavam os agricultores da Galiléia? O seu método revela-se como um indicativo de uma vida sofrida, de corpos sacrificados e espoliados pelos poderosos. Segundo o costume da época, a semente era espalhada quando o solo ainda estava coberto de mato. O arado ou a enxada eram utilizados para limpar o terreno e, dessa forma, possibilitar a ação da semente. As pessoas caminhavam pelas plantações, através dos atalhos, pois as estradas eram poucas (cf. Mc 2,23). Os agricultores galileus, em razão de sua sobrevivência, trabalham em uma terra difícil para as plantações. Em seus corpos sofridos, refletiam o contexto social de exploração contínua. Aos ricos eram reservadas as terras férteis (várzeas). Os morros eram imprestáveis para o cultivo. Apenas uma quarta parte do terreno era fértil. É interessante perceber que apenas na quarta tentativa que a semente encontra um terreno propício para produzir. A semente fecundada anuncia a dimensão utópica da parábola, pois, a fertilidade do terreno era bastante baixa. A parábola possui um apelo à escuta (cf. Mc 4,3.9) que passa pelo critério de discernimento. A fórmula é reproduzida em outros textos (cf. Mt 13,9; Mc 4,3.9; Lc 8,8; veja também Mt 11,15; 13,43; Mc 5,23; 7,16; Lc 14,35).

Como se observa, a situação campesina é de grande exploração na Galiléia. Toda forma de dominação está diretamente relacionada com os domínios do corpo dos empobrecidos. As injustiças sofridas pelas pessoas desconstroem a corporalidade do ser humano. Desumanizam-no. É um ato de conhecimento, ou seja, tomada de consciência do mundo e de suas relações imbricadas no corpo dos indivíduos, mediadas pela linguagem encarnada. Corpo e linguagem estão dentro e fora do aspecto da consciência. Dentro, pela ação da comunicação, que exterioriza o mundo e a percepção dele.

Fora, quando a meta-comunicação atua através de sua simbologia. Essa realidade ocorre em nossa parábola. Ao descortinar a realidade, novos terrenos, novos corpos, são semeados.

Aspecto singular na narrativa da parábola do semeador é que o corpo assume, através de seus atos, a condução da narrativa. Os verbos são de movimentos, de ação, de posicionamento de corpos na natureza. A linguagem do corpo convence mais rápido do que os argumentos verbais. O verbo torna-se carne! No corpo a comunicação é muito mais forte. Ela é direta, visível, imediata, clara, concreta, corpórea!

6. A mensagem do Reino de Deus nas parábolas

O Reino de Deus é uma perspectiva real. Imersa na realidade conflitiva do campo está a narração da fartura e da produção abundante. Muda o destinatário da ação! A terra libertada anuncia a utopia do Reino: apesar dos corpos sofridos, o terreno, fecundado pela teimosia da fé, produz frutos da justiça, tão desejada pelos pobres. O objetivo da parábola habita na proposta de criação de novas relações, novos movimentos dos corpos. Nas ações do semeador, o corpo procura revelar algo intencional em sua integralidade (significado). Na semeadura das terras galilaicas, com toda as suas contradições, o mesmo corpo revela algo que só este corpo intencionalmente revela (sentido). Tanto a fala, quanto o corpo, podem dizer a mesma coisa. A espontaneidade das ações do semeador interliga as ações do semeador, interliga a fala com a totalidade de seu corpo. O trabalho árduo é recompensado pela produção.

A desintegração ocorre quando a fala está dissociada das vivências. O corpo do semeador traz a marca da história (coletividade) e do próprio indivíduo. Acontece um movimento na linguagem corporal: revela e desvela o passado, tendo como patamar o presente. Na linguagem verbal, passado e futuro estão dissociados. Nunca estão presentes. A fala estrutura-se através da subjetividade. O corpo fala pela visibilidade. Daí, o estilo popular de Marcos ser uma forma pragmática para anunciar os mistérios da missão de Jesus e do Reino de Deus, mediados pelas ações dos explorados e empobrecidos.

7. O chão das parábolas é a vida

A Parábola do Semeador serve como uma chave hermenêutica para compreender as demais (cf. Mc 4,13). É um enigma compreender o alcance dos movimentos das ações de Jesus. O ensinamento de Jesus é feito com autoridade (cf. Mc 1,27). Para as comunidades da Galiléia, locais privilegiados para interpretação das parábolas (os de dentro), a palavra de Jesus se cumpre pelas suas mãos. Cria movimentos e dinamismos nas comunidades. Com as implicações de sua prática, Jesus é remetido para as margens do sistema opressor (cf. Mc 1,29.38.45; 2,1–3,6). Mãos e pés indicam movimentos corporais de desestabilização e mudanças. Novos céus e nova terra! Olhos e ouvidos indicam nova forma de leitura e de escuta da palavra (cf. Mc 4,3.9.12.13-20.23.24.33).

A mão do semeador joga nos terrenos a semente da palavra geradora de vida. Mão (cf. hebraico “yad”) ocorre, na Bíblia, 1.634 vezes. São diversos significados atribuídos (mão, braço, força, pronome pessoal, monumento, entre outros). Referindo-se à mão de Deus, ocorre em cerca de 230 vezes! A justiça e o direito são obras de Deus (cf. Sl 111,7). Javé agarra o direito pelas mãos (cf. Dt 32,41). O corpo humano é tecido pela mão criadora de Deus (cf. Sl 139,13; Jo 10,8-11; Gn 2,7). Deus assume a imagem de um tecelão que vai tecendo o feto até estruturar o corpo do homem. Outros textos bíblicos ratificam o poder da mão de Deus (veja a mão criadora: Jr 18,6; Sl 119,73; Is 29,23; a mão atuante na história de Israel: cf. Sl 139,10; Sl 119,173; Jó 12,10; Is 51,16; Am 7,7; a mão justiceira: Ex 3,20 e 1Sm 7,13; Is 25,16; Am 1,8; Sf 1,4).

A escuta na parábola de Mc 4, 3-9 é evidenciada na prática; a categoria “terrenos” é que movimenta a história e centraliza a temática. O superlativo que Marcos usa para fazer referência à multidão (numerosíssima), além de reforçar seu estilo próprio, busca convocar a assembléia para se colocar na esteira dos mestres (cf. Mc 2,6; Mt 23,2).

As dificuldades que são apresentadas pelo solo são destacadas na parábola. Será a partir dessa imagem que o camponês contemplará a superação das forças destrutivas, pois, a produção será uma grande bênção (cf. Gn 26,12). Apesar da condição explorada dos camponeses (associados, arrendatários, endividados: cf. Mt 18,23-35; 20,1-16; 21,33-34; 25,14-30), a colheita abundante indicará que a utopia libertária é uma realidade possível. Ninguém pode segurar ou controlar a força do Reino! É imanente à vida dos pobres. “Podem destruir as flores, mas não deterão a força da primavera”. As relações de solidariedade e justiça terão na imagem da casa o seu ideário clânico. Casa, roça, terrenos, sementes e semeador habitam numa mesma realidade. Contudo, o terreno varia de acordo com os discernimentos diante do projeto de Jesus (cf. Mc 2,1-12; 3,23-29; 4,10-12; 6,52; 7,14; 12,30.33; cf. Ez 33,32-33).

Conclusão

O corpo é melhor compreendido como elemento primordial e material que demonstra todas as relações históricas, sociais e espirituais, às quais estão envolvidos todos os seres humano. São as relações com o trabalho que configuram determinadas visões do corpo como símbolo da emancipação de homens e mulheres e lugar ideal da manifestação do poder de Deus.

Nas parábolas de Jesus, a Palavra que convoca à escuta unifica os corpos sofridos dos trabalhadores e trabalhadoras numa busca incessante pela liberdade (bons frutos, boa produção). O que diferenciará serão os terrenos, os quais as sementes são lançadas. Temos que vencer os condicionamentos negativos da convivência humana: a superficialidade ou inconstância, a falta de persistência ou decisão; o medo de enfrentar a perseguição; a ambição e o apego ao dinheiro e aos bens que este mundo idolatra como supremos. Lembremo-nos que a única pessoa que recebeu o convite para seguir Jesus, e recu-

sou-o, foi o homem rico (cf. Mc 10,17–22). Não quis aceitar as exigências da ética comunitária. Seguir os esquemas e articulações do mundo é incompatível com a acolhida da Palavra. Dessa forma, a semente cai em terreno pedregoso e com espinhos: fere os corpos! Temos que receber a palavra com alegria (cf. 1Ts 1,6; 2,13; 2Cor 11,4). A perseguição é consequência! (cf. 1Ts 1,6; 2Tm 2,9). Nesta perspectiva, a palavra cresce (cf. Cl 1,6; At 6,7; 12,24; 19,20), e produzirá escândalo (cf. 1Pd 2,8) e, após todas intempéries do tempo e da vida, produzirá “trinta, sessenta e cem” frutos (cf. Mc 4,8b).

O encontro com Deus dá-se na afirmação do encontro do seu mistério no cotidiano dos corpos. Urge cuidar do corpo do mundo: para as sementes devem ser preparados os diversos terrenos através do compromisso solidário com o mundo. (cf. Carta da Terra). Ao reivindicar seus direitos, os trabalhadores e trabalhadoras organizados denunciam que seus corpos não são máquinas. Não são sementes jogadas em solo pedregoso (cf. Mc 4,5). A dimensão material e simbólica do processo produtivo é prenúncio que no Reino de Deus as forças complementares da natureza (sementes e terrenos) são indicadores de novas formas de relações entre as pessoas. O sagrado de Deus habita em todo o mundo.

É muito importante perceber que o Reino de Deus não é explicado teoricamente. Quando João Batista pergunta a Jesus sobre o Reino, ele responde a partir da cura operada nos corpos dos excluídos: aos cegos é restabelecida a visão, os coxos recuperam os movimentos, os leprosos são purificados e colocados no centro das relações,... Enfim, o triunfo do corpo é um indicativo da presença e manifestação do Reino entre todos e todas (cf. Rm 8,22-23).

“Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (Mc 4,4).

Bibliografia

- ABADIÁ, José Pedro Tosaus. *A Bíblia como Literatura*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- ALEGRE, Xavier. *Marcos ou a correção de uma ideologia triunfalista* (A palavra na vida, nº 8). Belo Horizonte: Cebi, 1988.
- ANDERSON, Ana Flora e GORGULHO, Gilberto. *Parábolas: A palavra que liberta*. São Paulo: 1989 (mimeo).
- BORTOLINI, José. *O Evangelho de Marcos: para uma Catequese com Adultos*. São Paulo: Paulus, 2003.
- CEZAR WANGER DE LIMA GÓIS. A Linguagem do Corpo. In: *Revista de Educação AEC*, Brasília, ano 32, nº 127, abril/junho, 2002.
- COMBLIN, José. *Antropologia Cristã*. Coleção Teologia e Libertação, tomo I, série III: A libertação na História. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.
- CNBB. *Caminhamos na Estrada de Jesus: O Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1996.

- FARIA, Jacir de Freitas. *As origens apócrifas do Cristianismo: Comentário aos evangelhos de Maria Madalena e Tomé*. São Paulo: Paulinas, 2003 (Coleção Bíblia em Comunidade, Série Teologias Bíblicas, nº 16).
- GAMELEIRA, Soares, S.A.; CORREIA JÚNIOR, J. L. *Evangelho de Marcos*. Vol. I: 1-8: *Refazer a casa*. Comentário Bíblico NT. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.
- GOURGUES, Michel. *As parábolas de Jesus em Marcos e Mateus: das origens à atualidade*. Coleção Bíblica Loyola, nº 39. São Paulo: Loyola, 2004.
- GUERRERO, Gonzalo M. De La Torre. As parábolas como expressão simbólica de libertação (Primeira abordagem do tema). In: *RIBLA – Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, Editora Vozes, nº 9, 1991/2, p. 99-118.
- IVONI RICHTER REIMER. Cura e Salvação experiências do sagrado na construção da vida em suas múltiplas relações. In: *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, V. 12, nº 6, p. 1233-1253, nov/dez 2002.
- JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. São Paulo: Paulus, 8ª Edição, 2004.
- LIMA, Pedro Vasconcelos. E lhes falavam em parábolas: uma introdução à leitura das parábolas. *Mosaicos da Bíblia*, São Paulo, nº 14, 1995.
- MOSCONI, Luís . *Evangelho de Jesus Cristo Segundo Marcos*. São Paulo: Loyola, 1996.
- MONEY, Netta Kemp. *Geografia Histórica do Mundo Bíblico*. São Paulo: Editora Vida, 1977.
- MELISSA BARBOSA. Schopenhauer e o Corpo. *Revista de Educação, Ciência e Cultura*, La Salle, Canoas, RS, V.8, nº 1, p. 31-54, outubro, 2003.
- MESTERS, Carlos e LOPES, Mercedes. *Caminhando com Jesus: Círculos Bíblicos do Evangelho de Marcos* (1ª parte – Mc 1, 1 a 8, 21), Série A Palavra na Vida, nº 182/183, 2003.
- MERZ, Annette e THEISSEN, Gerd. *O Jesus Histórico: Um manual*. Coleção Bíblica Loyola, nº 33. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- MYERS, Ched. *O Evangelho de Marcos*. Grande comentário Bíblico. São Paulo: Paulinas, 1992.
- PLOEG, J. P. M. Van Der. *Jesus nos fala: as parábolas e as alegorias dos quatro Evangelhos*. (Coleção Estudos Bíblicos). São Paulo: Paulinas, 1999.
- SOARES, Sebastião Armando Gameleira. A Boa Notícia se faz corpo em nossos corpos. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis/RJ e São Leopoldo/RS, nº 64, 1999, p. 23-35.
- RAMÍREZ F., Dagoberto. Violência e Testemunho Profético (Evangelho de Marcos). In: *RIBLA – Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis/RJ, Editora Vozes, nº 2, 1988/2, p. 57-88.
- ZACHARIAS, Ronaldo. O corpo humano: (o) lugar do encontro com o outro e com Deus: A sexualidade como vocação para o amor. In: *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, V. 11, nº 4, p. 615-628, jul/ago 2001.

- ALVES, Rubem. A Ressurreição do Corpo. *Estudos*, Goiânia, V. 30, Especial, p. 93-107, set. 2003.
- BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. Uma visão marxista do corpo: aproximações com a questão teológica. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, V.13, nº 1, p. 65-76, jan/fev 2003.
- VAAGE, Leif. Que o leitor tenha cuidado! O evangelho de Marcos e os Cristianismos originais da Síria-Palestina. In: *RIBLA – Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis/RJ, Editora Vozes, nº 29, 1998/1, p. 11-31.
- RIBEIRO, Zilda Fernandes. Tu me deste um corpo. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, V.13, nº 1, p. 55-63, jan/fev, 2003.

José Carlos Leandro
jleandrus@ig.com.br